

Regiões e cidades perdem sua identidade por falta d'água?

As atividades suportadas por qualquer cidade definem sua infra-estrutura e acabam marcando sua personalidade”, E-topia - Urban Life, William J. Mitchell. Na Roma antiga, a construção dos aquedutos não apenas resolveu o problema do suprimento da água, mas também estabeleceu o limite entre os territórios sanitários e os não-sanitários.

Quando a Revolução Industrial trouxe gás e redes de energia elétrica, as cidades se iluminaram e puderam estender suas atividades para a noite e, depois, a madrugada. Alexander Graham Bell abriu o caminho para um mundo de lugares conectados.

A cidade e a telemática são hoje amálgamas que interagem. A cidade é a concentração física para Stephen Graham, professor da Universidade de Newcastle (Inglaterra). As telecomunicações, por sua vez, superam as restrições de espaço pela minimização do tempo, interligando pontos distantes à velocidade da luz.

Resulta uma vida urbana mais volátil e acelerada, mais incerta, fragmentada e mais difícil de entender. A economia globalizada adota as grandes cidades como centros de controle, sem, contudo, estancar a tendência paralela de descentralização dos serviços de rotina para fora das metrópoles.

Em função dessas mudanças, as grandes áreas urbanas são, fundamentalmente, centros de troca de informações. A revolução digital nos obriga a reinventar os espaços públicos, os bairros e as cidades.

As transformações, não ocorrem de uma única vez, nem tampouco atingem todo território e mesmo toda população. Toda mudança gera conflitos, cria privilegiados, mas, sobretudo excluídos. Com o decorrer do tempo, as diferenças tendem a encurtar-se.

Talvez a nova realidade incentive formas de relacionamento e outros padrões sociais que elevem nossa qualidade de vida. O resultado poderão ser prédios mistos de moradia e trabalho, bairros 24 horas, “vizinhos” virtuais e produção e distribuição descentralizadas.

Com a nova realidade, o lugar já não é mais um imperativo - basta que o local esteja eletronicamente interconectado. O lugar de trabalho, por exemplo, pode ser a residência. Isto é, pode voltara ser a casa, como já aconteceu no passado, antes da Revolução Industrial.

Essa transformação já está acontecendo em muitos lares, exigindo de arquitetos novas concepções de espaço, ambiente e infra-estrutura de serviços. Crescem também os serviços de entrega em domicílio, um conforto para quem tem a casa como o centro nervoso de tudo.

O que não significa, em absoluto, que os tradicionais lugares de trabalho, como os escritórios, por exemplo, estejam com os dias contados. Melhor seria imaginar um sistema de trabalho mais flexível em termos de horário e local.

No entanto, de que adianta construir **e-topias**, ou seja, cidades eletrônicas, interconectadas globalmente, para a alvorada do novo mundo, se o elemento básico para que exista vida, **a água**, não esta mais disponível.

Os engenheiros, arquitetos até hoje não se preocuparam em projetar obras para armazenar águas das chuvas, únicas que não necessitam de outorga para serem utilizadas, ainda que para uso menos nobres, como regar plantas e lavar pisos e como subproduto, não acontecer desvalorização de

imóveis urbanos situados nos fundos dos vales e necessidade da construção de piscinões para minimizar os problemas inundações que não serão totalmente resolvidos.

Os agricultores do sul do país precisam aprender com os nordestinos técnicas de armazenamento e o uso racional da água. Os agricultores do Rio Grande do Sul enfrentam atualmente uma das piores secas que já atingiram o estado.

São 392 municípios em situação de emergência, dos quais, 52 estão sem água potável. Além de perder a produção, estão sem água para consumo. O presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul (Fetag-RS), Ezídio Vanelli Pinheiro, afirma:

Essa é a primeira seca de que ouviu falar em que terminou todo o alimento do dia-a-dia. O agricultor não tem o que comer. Perdeu a horta, a mandioca, a batata, a moranga. Rios que nunca secaram hoje estão secos, e há famílias que desistiram de pensar em agricultura. É preciso andar até 20 quilômetros de carroça para pegar água para os animais e para o próprio consumo. Em termos de perdas, os mais prejudicados foram os produtores de milho.

Pelo menos 70% do que foi plantado não será colhido. A soja é o segundo produto da lista, representando 45%”. Só não sofreram prejuízos os rizicultores que utilizam águas em abundancia, em detrimento do abastecimento das cidades, obtidas de rios através de canais para inundação das lavouras de arroz.

Podemos concluir que o uso abusivo de mananciais, pode levar à escassez permanente, principalmente quando não existem matas ciliares que protegem as nascentes e o leito dos mesmos contra assoreamentos progressivos, com a conseqüente perda de identidade da região.

Planejar é desenhar o futuro que queremos, e não adivinhar seus caminhos predeterminados.

Luiz Antonio Batista da Rocha –Eng. Civil – Consultor em Recursos Hídricos – Auditor Ambiental – rocha@mdbrasil.com.br – www.outorga.com.br – www.rochaoutorga.hpg.com.br